IMAGINÁRIO DA I SECÇÃO

Aprender a Sonhar

O dia começava cedo no Campo dos Sonhos.

Os primeiros sons da alvorada, por entre o chilrear dos Melros e das Cotovias, das Carriças e dos Estorninhos, traziam consigo os sorrisos daqueles a quem os mais antigos chamavam o Povo do Sol. De estatura pequena, mas coração grande, próprio daqueles que só conhecem a palavra "amar", eram sempre os primeiros a madrugar, pois precisavam de sentir o calor dos raios do sol que anunciavam um novo dia.

Ali, bem juntinho a eles, um dos 4 Guardiões da Natureza, contemplava, extasiado, a beleza do dia que nascia. Semelhante a uma espiga de trigo, amadurecida pelo calor do sol primaveril, deixava-se bailar como uma seara batida pela brisa que o Vento Norte trazia. Cheirava a alecrim, a ervas, flores e a amoras silvestres e tinha no rosto o sorriso de todos aqueles que saboreiam os dias. Aqueles eram momentos únicos, porque era ali, perto do Povo que protegia e ensinava, que ele gostava de estar.

Vinha de épocas longínquas, era um dos descendentes dos primeiros "Guardiões da Natureza", homens íntegros, de alma pura, capazes de distinguir o bem e descobrir a verdade e beleza das pequenas coisas. Tal como os primeiros Guardiões, tinha Princípios e uma Lei à qual jurara fidelidade, pois só assim conseguiria proteger, manter resguardadas, escondidas e em segurança as Sementes Originais e o Sopro da Vida, os dois Tesouros que o primeiro Homem, o primeiro Guardião da Natureza, tinha trazido desde os dias iniciais da Criação, para serem usados quando o olhar das crianças se tornasse triste, sombrio, vazio, distante… e deixassem de saber sonhar. E esse era o motivo de estarem ali.

Pegou num dos Tesouros, um Búzio onde o primeiro Homem guardara um pouco do Sopro de Vida de Deus, e soprou. Em poucos instantes, a ligeira brisa que corria espalhou vida e transformou tudo em seu redor: as montanhas suspensas da Floresta dos Duendes, presas no vazio, unidas por pontes que só aqueles que conseguem perdoar podem construir, surgiram do nada como se de magia se tratasse. Num outro lado, um mar imenso de estrelas servia de ancoradouro a um navio, na Ilha dos Piratas, que o Povo do Sol usava para navegar até mundos imaginários, onde eram construtores de sonhos que davam cor e felicidade a todos quantos a sua mensagem de afeto tocava. Noutro lado ainda, uma Aldeia de Índios era o palco onde brincavam e travavam batalhas imaginárias e aprendiam a vencer em Bando, pois ninguém vence sozinho, nem no campo nem na vida. Mas os próximos dias iriam trazer-lhes mais surpresas.

A missão daquele Guardião era ensinar-lhes a importância dos afetos na construção de um mundo melhor e foi por isso que lhes contou a história do Papa Francisco, um homem que defende que o ódio deve dar lugar ao amor, a mentira à verdade, a vingança ao perdão e a tristeza à alegria.

Um Homem que defende que para mudar o mundo é necessário que as crianças possuam uma mão aberta, simbolizando essa mesma mão o coração, um coração aberto que ouve os outros, recebe os outros e partilha com os outros.

Perante um mundo cinzento, repleto de ódio, desconfiança, desavenças e discórdia, o Guardião lançou-lhes o desafio de fazerem como o Papa Francisco e saírem da sua zona de conforto, de construírem novas pontes, e derrubarem os muros que outros criaram, largarem o cais onde o seu belo navio de piratas estava ancorado e levarem ao mundo uma mensagem de Paz, Carinho, Ternura, Amizade, Fraternidade, Simpatia e Amor.

Eles eram o Povo do Sol e diziam-no com orgulho.

Traziam no coração a mensagem de Amor do Criador e por isso sonhavam, sem medo de sonhar coisas grandes. “Sonhai, que convosco o mundo pode ser diferente”, dizia-lhes o seu Guardião. Ali todos eram iguais, todos cuidavam de todos. Naquele campo, cada dia começava assim e por isso cada dia era sempre diferente.